

PREFÁCIO | FOREWORD

Mirian Estela Nogueira Tavares
Coordenadora do Centro de Investigação
em Artes e Comunicação (CIAC)
Universidade do Algarve
Faro, Portugal
mtavares@ualg.pt

Há certamente outras fronteiras entre as pessoas. O dinheiro, por exemplo. Mas esta fronteira, entre os leitores e os outros, é ainda mais cerrada que a do dinheiro. Quem não tem dinheiro tem falta de tudo. A quem não tem leitura falta a própria falta.

—Christian Bobin

Criar uma revista é sempre um risco. Que nós, no CIAC, decidimos correr. É um risco porque vivemos mergulhados em informações, jornais, revistas, textos que nos perseguem — curtos ou longos, que habitam o nosso quotidiano e que, muitas vezes, habitam em nós. Revistas académicas, científicas, indexadas, monotemáticas ou transdisciplinares, em português, inglês, espanhol ou em qualquer língua que escolhermos, há aos milhares. Que falta faria uma a mais? O que nos podemos trazer de novo, ou de diferente, que justifique a criação de uma revista? De um lado, uma vontade enorme de publicar textos que nos digam algo — que falem a nossa língua: a das artes, da comunicação e da cultura, vistas de forma conectada, amplificada e também, por que não, poética? Todo texto é uma criação — *poiesis*, e na aridez da Academia, podemos sempre plantar a ideia da experimentação: experimentar novos formatos e/ou reinventar os formatos habituais. **ROTURA**, nome que designa algo que se rompe, que se desmantela, que se parte. Mas que significa também um rompimento interno, algo, dentro de cada um de nós,

que se fragmenta. Escolhemos, propositadamente, um nome e um design que nos aproximasse do ideário das vanguardas históricas, do início do séc. XX, quando ainda se acreditava na possibilidade de romper com padrões preestabelecidos, com os cânones que percorreram um caminho longo até desembocarem numa temporalidade outra que exigia uma nova forma de aproximação/representação/reflexão do mundo. Sabemos que criamos um paradoxo — a rotura que pretendemos provocar, nasce num espaço de regras em que se estabeleceu um novo cânone. Mas se conseguirmos provocar nos leitores o desejo de ler, a consciência do desejo e, sobretudo, a consciência de que sem leitura não há palavra, não há reflexão, não há pensamento, ficaremos satisfeitos. Este é o primeiro número de uma revista que pretende perdurar — enquanto houver leitores, e autores, interessados em discutir connosco os caminhos e descaminhos da investigação nas artes — em todas as suas vertentes, e na comunicação contemporânea, nas suas implicações culturais, sociais e, sobretudo, essenciais como ferramentas de leitura do mundo. Começamos então pelo universo híbrido das imagens em movimento e dos videojogos — lugar de encontros entre a narrativa e a imagem, entre o contar e o simular vivências. Inauguramos assim com um número dedicado, especialmente aos textos que se debruçam sobre novas/velhas formas de narrar, sobre a relação cada vez mais palpável entre a arte e a tecnologia, entre o entretenimento e a rotura. Filme e videojogos são o tema central que agrupa um conjunto de textos, em português, inglês e espanhol, que se compõe como o core da revista, que traz ainda dois ensaios sobre criação e criadores. Porque afinal, é de *poiesis* que se trata a revista. •